



Entrevista

Neoliberalismo em análise: entrevista com Christian Laval

Neoliberalism in analysis: interview with Christian Laval

Neoliberalismo en análisis: entrevista con Christian Laval

Débora Goulart¹

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo - SP, Brasil

Resumo

Desde 2004 quando seu livro *A escola não é uma empresa* foi publicado no Brasil pela primeira vez², a inserção de Christian Laval³ no campo educacional cresceu e tem sido uma referência para as pesquisas que buscam acompanhar o desenvolvimento do neoliberalismo após os anos 1990. Nesta entrevista, ele dialoga com outras teorias sobre o neoliberalismo, atualiza algumas questões sobre a educação no atual contexto e aponta para possíveis contribuições sobre o estudo do neoliberalismo após o lançamento do livro *A escolha da guerra civil*, de 2021. Laval analisa o crescimento da direita no mundo, mostra como a dimensão privada e estatal estão articuladas no neoliberalismo e faz algumas reflexões sobre as possíveis alternativas à racionalidade neoliberal, sempre tendo em vista os processos educacionais.

Abstract

Since 2004, when his book *The School is not a Company* was published in Brazil for the first time, Laval's insertion in the educational field has grown and has been a reference for research that seeks to follow the development of neoliberalism after the 1990s. In this interview, it dialogues with other theories on neoliberalism, updates some questions about education in the current context and points to possible contributions to the study of neoliberalism after the launch of the book *A Choice of Civil War*; of 2021. Laval analyzes the growth of the right in the world, shows how the private and state dimensions are articulated in neoliberalism and makes some reflections on possible alternatives to neoliberal rationality, always in view of educational processes.

Resumen

Desde 2004, cuando se publicó por primera vez en Brasil su libro *La Escuela no es una Empresa*, la inserción de Laval en el campo educativo ha crecido y ha sido una referencia para las investigaciones que buscan acompañar el desarrollo del

¹ Exemplo: Professora do departamento de Ciências Sociais e do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4285-3330>; E-mail: debcgoulart@gmail.com ou debora.goulart@unifesp.br

² Publicado em 2004 pela editora Planta, foi republicado em 2019 pela editora Boitempo.

³ Christian Laval é francês, professor emérito de sociologia da Université Paris Nanterre, é membro do Sophiapol (Unité de Recherche em Sociologie, Philosophie et Anthropologie politiques) e coordena o GENA (Groupe d'études sur le néolibéralisme et les alternatives).

neoliberalismo después de la década de 1990. En esta entrevista, dialoga con otras teorías sobre el neoliberalismo, actualiza algunos interrogantes sobre la educación en el contexto actual y apunta posibles aportes al estudio del neoliberalismo tras el lanzamiento del libro *La elección de la guerra civil*, en 2021. Laval analiza el crecimiento de la derecha en el mundo, muestra cómo se articulan las dimensiones privada y estatal en el neoliberalismo y hace algunas reflexiones sobre posibles alternativas a la racionalidad neoliberal, siempre con la mirada puesta en los procesos educativos.

Palavras-chave: Neoliberalismo, Educação Pública, Pesquisa.

Keywords: Neoliberalism, Public Education, Research.

Palabras clave: Neoliberalismo, Educación Pública, Investigación.

Introdução

Essa entrevista se realizou em trocas de *e-mails* entre 30 de junho e 29 de julho de 2022 com Christian Laval em junho de 2022. Houve nos últimos anos uma crescente busca entre pesquisadores e pesquisadoras para a compreensão dos fenômenos que nos anos 1990 foram atribuídos às políticas neoliberais. Ao longo da primeira década deste século, os conceitos de privatização e mercantilização já não abarcavam todo o espectro do que se manifestava nas relações de poder e maneiras de ver o mundo.

No campo educacional as impressões eram de que o cotidiano era mais impregnado de práticas, supostamente, exteriores ao universo educativo e a divulgação da formulação de Laval sobre a racionalidade empresarial advinda do neoliberalismo na escola e suas diversas conformações e processos, foram ao encontro de tentativas explicativas, tornando-o bastante presente nos debates, a partir de então. Professor de sociologia da Universidade Paris Nanterre e membro do SOPHIAPOL – Laboratório de Sociologia, Filosofia e Antropologia política⁴ da mesma universidade, Laval tem produções sobre Jeremy Bentham, Karl Marx e o marxismo e em parceria com Pierre Dardot, com quem coordena o grupo de estudos *Question Marx?*⁵ aprofundou suas formulações sobre neoliberalismo e autoritarismo.

Suas pesquisas sobre as transformações dos sistemas educacionais sob o avanço do neoliberalismo alcançaram grande divulgação no Brasil, embora apenas um de seus livros sobre o tema, tenha sido traduzido para o português⁶.

Entrevistadora

No livro *A escola não é uma empresa* você mostra como a esquerda francesa auxiliou na difusão de uma gestão neoliberal com a adaptação de ideias auto gestionárias e de liberdade, em um contexto de avanço da desregulamentação na França. Atualmente, noções como empreendedorismo popular tem avançado entre fundações empresariais, Organizações não Governamentais (ONGs), misturadas a noções de civismo e ampliação da cidadania, que pode ser identificado como o que você e outros autores

⁴Ver <https://sophiapol.parisnanterre.fr/>

⁵<https://questionmarx.typepad.fr/>

⁶Os livros *La Nouvelle École Capitaliste* (2011) e *La Grand Mutation* (2010), ambos com autoria de outros pesquisadores e pesquisadoras, não foram traduzidos para o português.

chamaram de um neoliberalismo globalista em *A escolha da guerra civil*. Me parece que o neoliberalismo traz sempre um hibridismo nos termos e uma resignificação de palavras de ordem e consignas de seus opositores que vão além da construção ideológica. Como você vê este aspecto da construção semântica neoliberal?

Entrevistado

O modelo empreendedor é eminentemente plástico, permite uma tradução geral de qualquer atividade no código neoliberal. Este é o seu poder. Reside em grande parte na sua extensibilidade naturalizante, aparentemente neutra ou técnica. Isso é devido ao poder da palavra empresa que pode designar qualquer atividade, seja ela qual for: todos nós utilizamos esse termo da maneira menos ideológica possível, mas ao mesmo tempo ele se refere a um modelo historicamente muito particular, que tanto Weber quanto Marx, mas também muitos outros, a descreveram como a instituição capitalista organizada “racionalmente” com o objetivo de maximizar o lucro do capital nela investido.

Se o neoliberalismo é, de fato, a extensão da racionalidade capitalista a toda a sociedade e às suas instituições mais fundamentais, está realmente fazendo de qualquer atividade - mesmo a mais contrária aos objetivos do lucro - o objeto ou a matéria da forma institucional capitalista, e isso graças a essa imposição formal (através de vocabulário, técnicas de gestão, relações de poder etc.). Essa transformação formal é indissociável da mudança de finalidade dessas atividades, no todo ou em parte. É por isso que a escola constitui o exemplo mais claro da imposição progressiva de uma lógica normativa que transforma profundamente seus objetivos. Mas como você indica em sua pergunta, a realidade é híbrida, a lógica neoliberal ou “empreendedora” hoje tende a se misturar com uma lógica nacionalista, autoritária, disciplinar. Essa mistura está em desacordo com os objetivos e formas que uma educação verdadeiramente emancipatória deveria adotar.

Entrevistadora

Na introdução do livro “A escola não é uma empresa” você comenta sobre a presença das grandes corporações educacionais como um elemento fundamental do neoliberalismo no Brasil e afirma que seu alcance pode ser mais nefasto, devido às desigualdades oriundas da história da formação social brasileira. De fato, há grande aumento na educação privada *strictu sensu* no ensino superior no Brasil e com a reforma do ensino médio, o capital avança sobre esta etapa da escolaridade. No entanto, como você mostra em suas obras, é a sociedade concorrencial um traço decisivo do neoliberalismo, o que não implica a privatização. Em *La nouvelle école capitaliste* você e outros autores tratam, por exemplo do valor-conhecimento e mostram como a gestão empresarial pode fazer da escola e de seus sujeitos, empresas. Como você tem visto essa articulação entre educação pública e privada na história recente do neoliberalismo?

Entrevistado

De fato, deve-se lembrar que cada país tem suas particularidades que se devem à sua história, à formação do Estado-nação, bem como às suas características socioeconômicas. Devemos, portanto, distinguir, por um lado, uma tendência geral em escala mundial, ou seja, uma linha coerente e articulada de reformas neoliberais impulsionadas pelas grandes organizações internacionais e pelos governos dos países capitalistas, e, por outro, os modos específicos de implementar esta linha geral em cada um dos países. Em termos gerais, os sistemas educativos estão sendo transformados de duas formas complementares - pela privatização direta e pela “concorrência” de todos os estabelecimentos - incluindo o setor público. É claro que existe uma interdependência entre os dois processos. Quanto mais o setor privado se desenvolve, mais o setor público procura imitá-lo. É o que se pode chamar de “isomorfismo institucional”, que é sentido por professores e alunos em suas atividades mais concretas devido à pressão competitiva do setor privado. Os métodos de classificação internacional, ao nível do ensino superior, estão entre as alavancas mais importantes desta relativa normalização das lógicas. As diferenças não são menos significativas.

O setor privado do ensino superior está fortemente integrado ao sistema capitalista, é um componente dele por duas razões. Por um lado, os grupos capitalistas concentrados são lugares de acumulação de capital e deram origem a um ramo especializado do capitalismo, o “capitalismo educacional”. Por outro lado, produz diretamente, sem as mediações estatais de transmissão cultural, os recursos humanos e as subjetividades adequadas ao capitalismo global. Foram criadas “fábricas” lucrativas para produzir o material humano necessário ao funcionamento do sistema. O setor público, por outro lado, é afetado de forma diferente. Manteve uma relativa autonomia institucional, que aliás, tem um alcance ambivalente como mostrou a sociologia crítica dos anos 1960. Mas é convocada pelo Estado neoliberal, que combina sua função ideológica de indivíduos nacionalizados e politicamente dóceis e sua função econômica, em detrimento das potencialidades emancipatórias que os professores progressistas conseguiram promover e defender ao longo do tempo.

Entrevistadora

Na França, o processo de ampliação do atendimento escolar foi realizado nos anos 1980-1990 com características de uma democratização segregativa (Pierre Merle⁷) ainda em um contexto em que a diplomação e profissionalização orientavam o sistema escolar. Como você mostra em *La nouvelle école capitaliste* a revolução gerencial altera totalmente o quadro da relação entre escola e empresa ou entre conhecimento e mercado. O que temos visto no Brasil é, cada vez mais, uma espécie de fusão entre relações de trabalho e relações escolares. Já não podemos tratar de uma escola que prepara para o trabalho, mas um trabalho educativo. No entanto, ainda que as reformas contenham um léxico incrivelmente parecido, a participação dos países no

⁷Nos referimos ao artigo *Le concept de démocratisation de l'institution scolaire : un typologie et sa mise à l'épreuve*.

neoliberalismo contemporâneo é desigual e a contribuição das redes escolares também o são. Em que consistiriam diferenças e quais seriam os elementos comuns na implantação dessas políticas na Europa e América Latina, por exemplo?

Entrevistado

É difícil para mim responder a essa pergunta por falta de conhecimento suficientemente preciso das transformações dos sistemas educacionais latino-americanos. Ao contrário, sua pergunta abre um vasto campo de estudos comparativos que mostrariam o desenvolvimento desigual e interdependente da neoliberalização dos sistemas educacionais. Foi isso que Ken Jones⁸ tentou fazer pela Europa, por exemplo. Este trabalho é muito importante para conscientizar sobre a dimensão internacional dos processos em curso e sua conexão com o capitalismo globalizado. Na França, foram necessários vinte anos de paciente esforço para difundir entre os sindicatos de professores a ideia de que as reformas tinham uma dimensão europeia e global. A resistência foi numerosa e forte por razões objetivas. Nunca devemos esquecer que os sistemas educativos estão historicamente ligados à construção dos Estados-nação e que, por isso, temos espontaneamente uma abordagem nacional ou mesmo nacionalista das questões educativas. Então, porque as políticas educacionais, mesmo que tenham uma inspiração comum em escala global, são “traduzidas” pelos governos nacionais que ocultam essa comunidade de inspiração.

É aqui que devemos insistir na responsabilidade dos pesquisadores da educação no trabalho comparativo de que fala, que por definição só pode ser internacional e coletivo. Essa responsabilidade é particularmente sensível para a comunicação entre redes de pesquisa e movimentos de resistência à essa transformação tão perigosa dos sistemas educacionais.

Entrevistadora

Em *A nova razão do mundo*, o neossujeito tem como diagnóstico clínico uma subjetividade neoliberal em que o patológico é a normatividade do normal e isso o leva ao duplo “desempenhos admiráveis e objeto de gozo descartável”. A pandemia de Covid-19 elevou os níveis de desempenho e de descarte do humano em diversas esferas. Podemos vê-la como uma doutrina de choque, como trata Naomi Klein⁹, capaz de aprofundar a racionalidade neoliberal?

Entrevistado

A pandemia de Covid-19 obviamente testou os sistemas de saúde de todos os países, mas também, e de forma mais geral, as formas de solidariedade

⁸Se refere à obra organizada por Ken Jones intitulada *L'école em Europe: politiques néolibérales et résistances collectives*.

⁹Naomi Klein publicou no Brasil em 2008 o livro *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*, em que analisa como eventos catastróficos como um desastre climático ou uma guerra são utilizados pela burguesia para fazer avançar políticas neoliberais e, portanto, antidemocráticas em meio à insegurança da população, esta, muitas vezes, incitada por estes mesmos grupos. A este processo, Klein chamou de doutrina de choque.

dentro de cada sociedade e entre países. Não tenho certeza de que agora podemos aplicar a leitura de Naomi Klein em termos de "estratégia de choque" aos efeitos da crise da saúde. É um pouco cedo para dizer de qualquer maneira. Os direitos neoliberais e conservadores foram em muitos países forçados a reativar os sistemas públicos, aumentando a dívida do Estado, para proteger as empresas e agora para garantir a recuperação econômica. A pandemia de Covid-19 revelou, portanto, o caráter totalmente inadequado das políticas neoliberais em termos de saúde e serviço público, o que anuncia contradições ainda mais graves entre a prossecução dessas políticas e a luta contra o aquecimento global. Vemos também que as forças da esquerda estão recuperando força após anos de declínio e desintegração. Em uma palavra, nada ainda está decidido, mas o certo é que entramos em um período de intensas lutas entre um modelo neoliberal que quer se perpetuar e forças sociais e políticas em busca de alternativas reais para salvar o que ainda pode ser salvo de solidariedade social, igualdade, clima e biodiversidade.

Entrevistadora

Sua teorização sobre o neoliberalismo insiste que o caráter de desdemocratização, nos termos de Wendy Brown¹⁰, não é fortuito, mas estruturante do Estado estrategista e o livro *A escolha da guerra civil* mostra que essa guerra é forjada na totalidade da sociedade neoliberal e invoca "a revolução contra a guerra civil" dos *communards* que insistiram que sua ação não era do mesmo tipo que aquela realizada pelos versalheses sobre o povo de Paris. No prefácio do livro, Edson Teles, chama atenção para a guerra civil já experienciada por países que tem formações históricas coloniais e que passaram por ditaduras (em muitos casos, ambos, como é o caso do Brasil). Deste ponto de vista, avançar em uma revolução antiguerra civil não implicaria superar o colonialismo e suas decorrências, reorganizando completamente as relações de poder globais?

Entrevistado

O que mostramos em *outra história do neoliberalismo* que propomos em *A escolha da guerra civil* é que o neoliberalismo tem dimensões estratégicas que foram deixadas de lado por Foucault quando se interessou pela introdução do neoliberalismo na França e por aqueles que inspirou, incluindo Pierre Dardot e eu mesmo. É uma inflexão e um complemento à interpretação, não uma negação. Mas insistir, como convida, essa tradição foucaultiana, nas "técnicas de governamentalidade", que foi e continua sendo necessária, não deve negligenciar as apostas da guerra social e política que se manifestam particularmente nas doutrinas neoliberais, e que resultaram, em particular, no apoio às ditaduras latino-americanas ou ao apartheid na África do Sul. É bastante impressionante notar a ligação que muitos autores neoliberais fazem entre a defesa do "livre mercado" e a defesa da "civilização ocidental", e mesmo para alguns, a defesa da "raça branca". O tipo de fusão ideológica que ocorreu entre as posições ultraconservadoras e a radicalização do neoliberalismo no que hoje

¹⁰Brown desenvolve este argumento em seu livro *Nas ruínas do neoliberalismo* publicado no Brasil em 2019.

é chamado de “direita global” tem, portanto, raízes antigas e, em particular, na dominação colonial. Nunca devemos esquecer que o capitalismo, para esses autores, é a maior e mais bela invenção que os países colonizadores ocidentais deram ao mundo!

A ideia que citamos segundo a qual os *communards* recusaram a guerra civil não significa que devemos ficar desarmados perante aqueles que fazem guerra contra os sindicalistas, os socialistas, as feministas e os antirracistas. A guerra civil não é escolha deles, é imposta a eles. Isso significa que os *communards*, reconhecidamente com certa ingenuidade no plano militar, tinham a perspectiva de construir outra sociedade e outras instituições. Esta é uma verdadeira revolução, a construção de novas instituições, a autoinstituição da sociedade. É isso que você nunca deve perder na vida, inclusive nas práticas mais cotidianas.

Entrevistadora

No Brasil, a sua análise sobre o neoliberalismo teve grande alcance, afirmando o neoliberalismo como uma racionalidade que se desenvolve, precisamente, como uma normatividade concorrencial generalizada em todas as esferas da vida social – da economia à subjetividade. Quais seriam os caminhos para serem explorados na pesquisa sobre neoliberalismo na atualidade? Você poderia mapear o que tem visto como contribuições importantes?

Entrevistado

A partir do momento em que tomamos consciência de que o neoliberalismo era em seu próprio princípio a extensão política, social e cultural da racionalidade capitalista a todas as atividades sociais, os estudos setoriais se multiplicaram logicamente: emprego, educação, saúde, justiça, habitação, serviço social, associações, etc. , têm sido objeto de investigações cada vez mais precisas sobre as transformações induzidas pela implementação dessa racionalidade baseada no modelo da iniciativa privada e no padrão da concorrência.

Esta investigação ao nível "micro" foi complementada por estudos "macro", em particular sobre as estratégias das empresas na nova economia "digital" e sobre os efeitos nas condições de trabalho e emprego, e de igual modo, os especialistas da ciência política têm estado cada vez mais interessados nas mudanças na “governança global” e no papel das organizações internacionais e intergovernamentais.

Hoje, sem dúvida, entramos em uma nova situação em que vemos melhor, de forma retroativa, o papel dos Estados na construção da globalização capitalista. E isso de forma paradoxal, porque hoje a competição entre Estados-nação e economias assumiu um caráter muito mais abertamente agressivo, inclusive no nível militar. O grande trabalho que temos a fazer, e para o qual quisemos contribuir em nível genealógico com *A escolha da guerra civil*, é compreender como hoje articula concretamente, dentro de cada grande polo de poder, a lógica neoliberal e a intensificação dos nacionalismos e imperialismos. Compreender as formas, não apenas de hibridização, mas também do vínculo histórico íntimo entre essas lógicas tornou-se essencial. O trumpismo, como o

governo de Bolsonaro, tem sido, nesse sentido, verdadeiros gatilhos para a reflexão política sobre essas novas formas de governo.

Finalmente, não devemos deixar de estudar de perto o desenvolvimento atual dos movimentos “antissistêmicos”, especialmente aqueles que não se contentaram em pedir o “retorno do Estado” regulador, mas assumiram um caráter cosmopolita que se mostra cada vez mais presente. Estou pensando aqui nos movimentos antirracistas, feministas e ecológicos. A recomposição da oposição ao neoliberalismo é, portanto, também um vasto projeto. A grande questão que precisa ser feita é como combinar epistemologias, ontologias e estratégias que vêm de diferentes tradições. O neoliberalismo não se opõe a uma única forma alternativa do Norte global. O problema da articulação de “mundos plurais” em um espaço global de oposição continua sendo um grande objeto de estudo para as ciências sociais e a filosofia política, daí a importância crucial da circulação global de ideias e pesquisadores.

Referências

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. 1ª edição. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019, 256 p.

DARDOT, Pierre *et al.* **A escolha da guerra civil**. 1ª edição. São Paulo: Elefante, 2021, 364 p.

JONES, Ken (dir.), **L'école en Europe. Politiques néolibérales et résistances collectives**. Paris: La Dispute, 2011, 226 p.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**. A ascensão do capitalismo de desastre. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, 592 p.

LAVAL, Christian *et al.* **La nouvelle école capitaliste**. 1ª édition. Paris: La Découverte, 2011, 285 p.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016, 437 p.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa**. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2019, 288 p.

MERLE, Pierre. Le concept de démocratisation de l'institution scolaire: une typologie et sa mise à l'épreuve. **Population, Aubervilliers**, nº 1, 2000. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/pop_0032-4663_2000_num_55_1_7096. Acesso em: 07 nov. 2018.

Agradecimentos

Agradecimento à Christian Laval pelo diálogo e à Denise Goulart pela tradução.

Enviado em: 28/julho/2022 | Aprovado em: 20/janeiro/2023